

PENSANDO O LUGAR, A MEMÓRIA E A IDENTIDADE ATRAVÉS DOS BAIRROS

Juliana Dias Paiva¹

Yasmim Ribeiro Mello²

Marcela Wanderley Gaio³

Andressa Elisa Lacerda⁴

RESUMO

O projeto Bairros: lugar, memória e identidade (LUMEI/CAP-UERJ) procura diante da relação com os seus participantes, a aproximação de outros conhecimentos, saberes e imaginários sobre os bairros. Dentro da prática do extencionismo, o projeto tem permitido avançar sobre a relação bairro-escola onde entendemos que muitas escolas acabam por ser referências nas histórias de vidas do bairro, tal como repensar o que é o urbano hoje e como o espaço e a memória contribuem para constituição de diferentes espacialidades. Amparada nos trabalhos de Mauricio de Abreu (1987) e Nelson Nobrega (2011), nos debruçamos nas concepções de urbanidades criadas na/da cidade. Dessa forma, a proposta tem sido a elaboração de materiais didáticos, trabalhos de campo, mapas georeferenciados e afetivos. Organizado por alunos e professores, o projeto tem sido um instrumento para ampliar as possibilidades de aprendizagem dos estudantes da rede pública, colaborando para o sentido de pertencimento e apropriação do lugar onde estudam e circulam, valorizando o espaço de vivência do morador e trabalhador local em geral, com o intuito de emergir diferentes práticas educacionais, que vão além do espaço escolar, contribuindo para uma cidade mais igualitária. Neste artigo, apresentamos as atividades realizadas no

¹ Graduanda do curso de História na Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ,

julianadiaspaiva@gmail.com ;

² Professora de geografia da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro - SME/PCRJ,

yasminribeiro@hotmail.com ;

³ Professora de artes do Instituto de Aplicação da Unidade Estadual do Rio de Janeiro CAP-UERJ,

marcelagaio.artes@gmail.com ;

⁴ Professora de geografia do Instituto de Aplicação da Unidade Estadual do Rio de Janeiro CAP-UERJ –

andressa.lacerda@gmail.com

Instituto de Aplicação da UERJ e na Escola Municipal José de Alencar, localizadas no

município do Rio de Janeiro, nas Zonas Norte e Sul respectivamente, inseridas, portanto, em diferentes contextos socioespaciais.

Palavras-chave: LUGAR, MEMÓRIA, IDENTIDADE.

INTRODUÇÃO

A cidade, aldeia de flor e faca, pernada e afago, gemido de amor e som de tiro, chibata e baqueta de surdo, incomoda. Desconfio sinceramente dos que acham que ela precisa ser consertada. O Rio de Janeiro precisa de um concerto. Uma letra e está feita a diferença: que a beleza dos nossos instrumentos, em suas múltiplas percepções da vida, possa soar como inclusiva harmonia da gente carioca em sua arte de fazer insistentemente a vida (SIMAS,2023,p.14).

A partir dos estudos sobre lugar, o etnólogo francês Marc Augé (2010) caracteriza lugar antropológico como um espaço concreto em que as relações entre os indivíduos do local atribuem-lhe sentido, formando e expressando sua cultura. Assim, a origem dos moradores que compõem a região pode ser a mais diversa, porém o lugar os une. A formação dos locais e a estruturação do espaço são componentes das práticas tanto individuais quanto coletivas de uma sociedade, portanto refletir sobre o aspecto espacial é também ponderar e estabelecer conexões entre as questões das identidades individuais e coletivas. Nesse sentido, a noção de memória é também de extrema importância na reflexão a respeito das dinâmicas de um lugar, especialmente a partir da compreensão do bairro nesta lógica. Ao percorrermos os arredores de um bairro e contemplarmos as estruturas e símbolos que o envolve, seja na arquitetura, nos nomes das ruas ou até mesmo nos sons dos meios de transporte, nas vozes e gargalhadas das crianças, deparamo-nos com a memória, uma memória que é vivida em conjunto. A memória de um lugar, a memória de uma cidade é, portanto, uma memória coletiva (ABREU, 1998, p.82). Cabe ainda destacar que, conforme mencionado por Pierre Nora (1993, p.7), a memória a partir do aceleração da história gerado pela globalização, têm por muitas vezes sido esquecida. Por conseguinte, pensar nos bairros como lugar

que carrega e constrói memórias e que são os palcos onde as memórias dão vida ao espaço geográfico é fundamental para que seja repensada e resgatada a memória do espaço urbano. Dessa forma, é possível compreender que o lugar possui memórias compartilhadas que esculpem a identidade do local e que está intrinsecamente ligada à recuperação da história do e no lugar.

Feitos tais apontamentos, o projeto de extensão "Bairros: lugar, memória e identidade", estuda os bairros cariocas a partir do discutido acima. Dessa maneira, o trabalho é decorrente de atividades construídas e elaboradas pela discente e equipe no Instituto Fernando Rodrigues da Silveira/CAP. O projeto possui membros de escolas públicas como a Escola Municipal José de Alencar - SME e docentes de outras universidades atuando com linhas de atividades que conjugam memória, identidade e a relação com o lugar. Os bairros revelam em sua paisagem um conjunto de elementos que nos ajudam a compreender a história e a evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro. Sendo assim, o projeto tem por sua essência a interação entre diferentes áreas e procura diante da relação com os seus participantes a aproximação de outros conhecimentos, saberes, e imaginários sobre os bairros.

A partir do trabalho com estudantes da educação básica planejamos resgatar a história dos bairros, refletir sobre os problemas que envolvem os lugares - como o conhecimento de diferentes realidades - e ampliar a ideia de urbano entendida pelos discentes. Ao problematizar os acontecimentos e as visões do que ocorre no bairro, conseguimos pensar como a memória afetiva dos lugares, as construções históricas e o espaço vivido pelos seus moradores permitem um novo (re)conhecimento desse lugar, assim como a sua transformação. O projeto também implica produzir conhecimentos inerentes aos bairros nos mais variados temas, como: o espaço urbano, a cartografia, a política, a identidade e a memória. Através das propostas desenvolvidas, compreendemos que os territórios são transportados pelas pessoas aos diferentes espaços e constituem novos territórios. Destacamos que o objetivo geral do projeto é recuperar e valorizar a memória dos bairros e lugares, pelo desenvolvimento de atividades voltadas à promoção e recuperação da riqueza arquitetônica e cultural do bairro. Por fim, a questão da memória suscita o exercício de construção mais solidária de uma identidade do bairro, a partir de uma reconstrução histórica em diálogos com depoimentos de moradores e de estudantes. Essa (re)construção da memória desdobra-se nas transformações urbanas e nos moradores e estudantes como sujeitos ativos nessa

narrativa de memória. O trabalho tem permitido avançar sobre a relação bairro-escola onde entendemos que muitas escolas acabam por ser referências nas histórias de vidas do bairro, tal como repensar o que é o urbano hoje e como o espaço e a memória contribuem para constituição de diferentes espacialidades. No último semestre conseguimos realizar materiais e pesquisas que aprofundam o estudo sobre o tema. Portanto, o trabalho se apresenta de suma importância no contexto educacional.

METODOLOGIA

O presente trabalho parte da intensa discussão a respeito dos conceitos e saberes que rodeiam o recorte do projeto, que envolvem de forma transdisciplinar a Geografia, a História, a Arte e a Pedagogia. Para isso, tivemos como metodologia a revisão bibliográfica, a consulta a documentos históricos, e a separação de frentes de atuação que articulassem com a participação dos alunos da educação básica em vista que o projeto é parte do extensionismo universitário. Logo, a pesquisa teve como recorte espacial o Instituto de Aplicação da UERJ/CAP e a Escola Municipal José de Alencar, situadas nos bairros Rio Comprido e Laranjeiras da cidade do Rio de Janeiro respectivamente. As atividades se dividiram entre formação aos professores e discentes da graduação que participam do projeto e atividades de ensino para os alunos das escolas. Inicialmente foi realizado a coleta de dados, a organização do pré campo, a organização do trabalho de campo, para que conseguíssemos a organização do roteiro, separação do material utilizado no campo, e a aplicação de trabalhos acerca do observado. Dessa forma, construímos também um conjunto de dados contendo filmagens, fotos, gravações e músicas. Ademais, a partir dos materiais coletados e estudados, elaboramos materiais didáticos no formato de cartilhas como resultado das pesquisas feitas pelo projeto.

REFERENCIAL TEÓRICO

Meu Lugar - Arlindo Cruz

O meu lugar é caminho de Ogum e Iansã

Lá tem samba até de manhã

Uma ginga em cada andar



O meu lugar
 É cercado de luta e suor
 Esperança num mundo melhor
 E cerveja pra comemorar[...]
 O meu lugar
 É sorriso é paz e prazer
 O seu nome é doce dizer
 Madureira, lá laiá
 Ah lugar

A saudade me faz lembrar
 Os amores que eu tive por lá
 É difícil esquecer
 Doce lugar
 Que é eterno no meu coração
 Que aos poetas traz inspiração
 Pra cantar e escrever
 Ai meu lugar
 Quem não viu Tia Eulália dançar
 Vó Maria o terreiro benzer
 E ainda tem jongo à luz do luar
 Ai que lugar
 Tem mil coisas pra gente dizer
 O difícil é saber terminar
 Madureira, lá laiá...

Estudar a respeito do lugar é fundamentalmente se debruçar sobre memória afetiva. “Lugar” se articula a partir da nossa relação, afetividade e compreensão diante do espaço geográfico, ou seja, o lugar é o espaço apropriado ou percebido pelas relações humanas.

Os elementos móveis de uma cidade, especialmente as pessoas e as suas atividades, são tão importantes como as suas partes físicas e imóveis. Não somos apenas observadores desse espetáculo, mas sim uma parte activa dele, participando com os outros num mesmo palco (LYNCH, 1960, p.11-12).

Como explicado por Lynch, os moradores da cidade são os principais atores do palco chamado cidade, logo as memórias podem ser usadas como meio de compreensão de um lugar e, da mesma forma, através da consciência coletiva a sociedade pode manter vivas memórias. É possível entender tal dinâmica a partir da música "O meu lugar" do cantor Arlindo Cruz. Ao escrever sobre o bairro Madureira, local em que nasceu e foi

criado, o escritor descreve as raízes de sua história na canção e colabora na permanência das narrativas do bairro. Segundo Abreu (1998), "a memória individual pode contribuir, portanto, para a recuperação da memória das cidades. A partir dela, ou de seus registros, pode-se enveredar pelas lembranças das pessoas e atingir momentos urbanos que já passaram e formas espaciais que já desapareceram". Na música é possível observar um conjunto de memórias que foram vivenciadas em coletivo. "A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa" (POLLAK, 1992, p. 204). Ou seja, os elementos cotidianos de um bairro, como por exemplo, o bar nas esquinas, as rodas e escolas de samba de cada bairro, as brincadeiras nas ruas, os espaços religiosos, os campos de futebol, assim como as dores do dia-dia configuram-se enquanto espaço de sociabilidade, memória e identidade.

Porém, vale salientar que, como explica (ABREU, 1998), a cidade não é um conjunto de experiências homogêneas, logo, para descrever o que é a memória das cidades, nossa abordagem não pode ser a população. O surgimento de uma memória coletiva ou social ligada a um determinado lugar está relacionado ao fato de que aquele grupo ou classe social estabeleceu relações sociais lá. No entanto, essas relações podem ser de dominação, cooperação ou conflito, e variam ao longo do tempo e do espaço. Como resultado, a vivência da cidade gera inúmeras memórias coletivas, que podem ser bastante diferentes umas das outras, mas têm em comum o vínculo com essa mesma cidade. Ainda segundo Maurício de Abreu, muitas memórias se perderam ao longo do tempo, resultando em vestígios fragmentados do passado na paisagem ou nas instituições de memória (e isso está intrinsecamente relacionado a estruturas de poder).

Nessa lógica, é interessante refletir que a cidade do Rio de Janeiro passou por diversos projetos políticos para que fosse construída uma nova cara, uma nova identidade para a metrópole. Esse processo, iniciado especialmente a partir da vinda da corte real para o Rio, teve como caráter a difusão de um "projeto civilizatório" para que fosse apagado toda a memória dita como bárbara, ou seja, a memória do povo negro escravo. Ainda hoje é possível perceber, através de uma política de morte, que a cidade não é pensada como um espaço para todos, ou seja, vidas e memórias são seletividade pelo Estado. Diego dos Santos Reis, no artigo "à prova de balas? necroinfâncias cariocas, violência de estado e filosofias da rua" inicia o seu debate descrevendo de forma breve a história de uma criança que vende chicletes pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro. Sem possibilidade de escolhas pelo fato revoltante de que "ou trabalha ou

não come, né, tio", o cotidiano do jovem menino é, infelizmente, extremamente comum no Brasil, em especial, na vida de pessoas negras. Reis, explica que toda a dinâmica de descaso do Estado vivenciada por essas pessoas trata-se de uma política voltada para acabar com determinadas vidas, as vidas pobres e negras. O autor debate ainda que essa realidade é justamente influenciada por uma sociedade estruturada a partir de pressupostos legados de uma organização escravagista-colonial.

Nos subúrbios, periferias e margens dos grandes centros urbanos, as balas “perdidas” seguem, certas, ao encontro de corpos negros. Atravessam os corpos e dilaceram famílias inteiras. Interrompem trajetórias, histórias e rotinas daqueles/as que, sequestrados/as de si, buscam a justiça como último apelo à memória de quem foi desaparecido/a de casa e não mais retornará (REIS,2021,p.6).

As balas que percorrem um caminho determinado para atingir corpos determinados nos leva a uma importante reflexão a respeito da necropolítica. Vidas são escolhidas para viverem enquanto outras morrem. Segundo Ellen Souza e Alexandre Carvalho, "a necropolítica enseja a continuação de toda violência colonial, porém como negação extensiva da própria violência e a retomada de sua banalização (SOUZA;CARVALHO,2021,p.8)". Não é difícil perceber uma normalização da barbaridade cotidiana a que são submetidas as vidas negras. Essas, são invisibilizadas, desprotegidas e mortas. "Roubaram-lhe os dias da infância; surrupiam-lhe o sorriso que, raro, ainda é esboçado de tempos em tempos, com hesitação"(REIS,2021,p.7)". Diante de todo um cenário racista em que a alegria lhes é negada e a possibilidade de uma vida digna impossibilitada, os sorrisos pretos se tornam cada vez mais raros e suas memórias em constante negação e apagamento.

Em continuidade ao debatido por Abreu, o autor questiona e responde: Será então impossível recuperar a memória de uma cidade? Sim e não. É impossível recuperar a memória de uma cidade se isso significar a totalidade das memórias coletivas que aquela cidade produziu. No entanto, essa segunda tarefa não só é viável, mas também necessária e urgente. Através da preservação das memórias coletivas que restaram do passado e da preocupação constante em registrar as memórias coletivas ainda presentes no atual cotidiano da cidade poderemos resgatar grande parte do passado, eternizar o presente e garantir às futuras gerações uma base de memória essencial para a construção de sua identidade. A participação dos alunos, seus familiares e os moradores do bairro são importantes para o entendimento de outras concepções de mundo e lugar,

vivenciados nestes lugares e apagados pela história. A construção de imaginários coletivos, insurgentes no espaço escolar, permite uma nova relação entre bairro/escola.

Nesse sentido, é imprescindível que os moradores de um bairro, bem como, no âmbito educacional, os estudantes envolvidos na vida diária presentes do lugar, percebam-se como protagonistas do ambiente e instrumentos de valorização do lugar. Segundo Monastirski (2009,p.6), a disputa pelos rumos da cidade ocorre permanentemente e é incumbência dos cidadãos guiarem esse movimento por meio de sua capacidade de organização e da definição de suas prioridades, não focalizando na desigualdade, mas na equidade. Em conclusão, é necessário que voltemos o nosso olhar para a educação através de ensinamentos e políticas que prezem pela valorização do lugar/bairro enquanto espaço de memórias coletivas que devem ser construídas, fortalecidas e recuperadas, assim como o nosso papel como agentes de preservação e modificação da cidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Pedagogia Libertadora de Freire busca a emancipação de povos marcados pela opressão, dominação e dependência através de um processo de conscientização de que os indivíduos são os construtores e os sujeitos de sua própria história, assim como, pela capacidade de se indignar contra toda injustiça e julgo. Nessa perspectiva, a Pedagogia Libertadora de Freire se constitui como um dos instrumentos fundamentais no processo de conscientização dos sujeitos e, por conseguinte, na constituição dos movimentos sociais (STÊNICO e PAES, 2017, p. 52).

Entendemos, enquanto projeto, que a educação pensada como um meio de conscientização e instrumento de fortalecimento do entendimento dos alunos como agentes sociais, é fundamental na colaboração da construção de sentido de pertencimento e apropriação do lugar. As etapas da elaboração de projetos extensionistas requer muito tempo e atenção devido ao envolvimento de professores que possuem diferentes formações, cargas horárias e dias alternados nas escolas o que complexifica a elaboração do trabalho de campo e a organização do projeto transdisciplinar. A escolha dos temas, a consulta as fontes e a materialização das atividades tem permitido a ampliação da concepção da educação e do espaço enquanto formação de professores. Logo, reunir os diferentes interesses para pensar o lugar

envolvendo relações afetivas com o qual os moradores e visitantes vivenciam esse espaço tem se tornado o grande estimulador das atividades do projeto. O projeto está em atuação desde 2015 e já vivenciou distintos grupos e atividades. Durante a pandemia fomos abalados pelo lockdown mesmo assim conseguimos realizar entrevista online com moradores de diferentes localidades. O aprofundamento do que é bairro, de como as diferentes regiões do mundo pensam essa categoria nos permite pensar a relação com o espaço em diferentes escalas, no entanto, neste artigo apresentamos os últimos resultados realizados nestas unidades.



Imagem I - Trabalho de campo realizado no bairro de Laranjeiras



Imagem II – Trabalho de campo realizado no bairro Rio Comprido

A proposta resultou em duas cartilhas uma de orientação base o qual explicamos na imagem abaixo o projetos e as possibilidades e a segunda que já é parte da metodologia desenvolvida pelo grupo.



Imagem III - Cartilha desenvolvida pelos integrantes do projeto como divulgação e estímulo do material

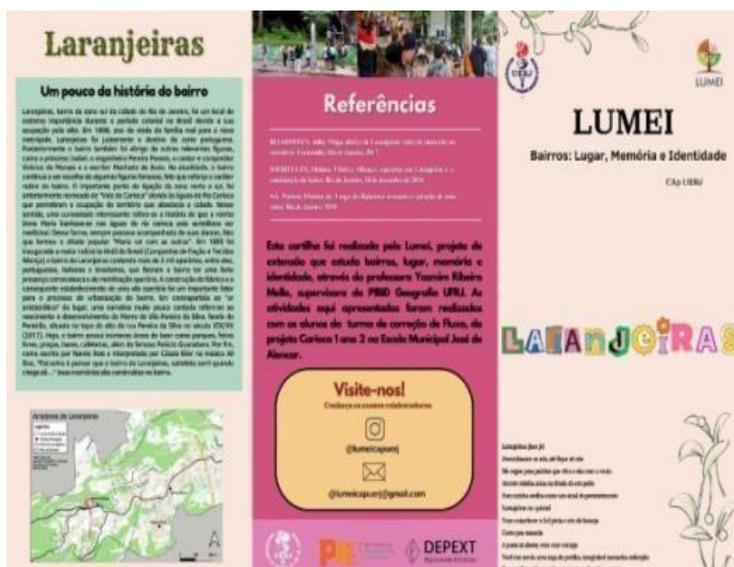


Imagem VI - Cartilha desenvolvida pelos integrantes do projeto como divulgação e estímulo do material

Dessa forma, após a organização e realização dos campos, a proposta é que as cartilhas sejam um instrumento de ensino-aprendizagem que permite não só a elaboração pelos seus próprios sujeitos como também a comunidade escolar e os moradores do bairro. As diferentes contribuições sobre a memória do lugar e o exercício do olhar para o espaço vivido nos permite transcender fronteiras e contribuir para a formação dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da compreensão do bairro como um espaço coletivo que contém personagens que ali transitam, estabelecem conexões e que constantemente são criadas memórias coletivas que são fundamentais na formação da identidade do bairro uma vez que tais dinâmicas fundam e unem os indivíduos no lugar, percebemos que o contato direto com o campo e a interação com os alunos é indispensável para que o propósito do projeto tenha êxito esperado. Assim como, os apontamentos discutidos pelo projeto indicam a ainda contínua necessidade de estudos a respeito do lugar e sua relação bairro/escola. O LUMEI, ao resgatar a história dos bairros, conseguiu através de suas atividades, refletir sobre os problemas sócio-espaciais utilizando diferentes escalas que envolvem o conhecimento e práticas de diferentes realidades, além de ampliar a ideia de urbano entendida pelos educandos. Portanto, levar todas essas concepções, em especial,



para os alunos da Educação Básica, mas também para dentro e fora da universidade, é indispensável para o desenvolvimento de um novo olhar a respeito dos bairros.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos todos os discentes e docentes que se envolveram nas atividades do projeto que vão em algum momento além da carga horária na escola, em especial aos professores do 3º ano do fundamental I do CAp UERJ, alunos participantes do Pibid UFRJ (residentes na Escola Municipal José de Alencar), ao projeto CineGeoescola e a Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. **Sobre a memória das cidades**. Revista da Faculdade de Letras — Geografia I série, Vol. XIV, Porto, 1998, pp. 77-97.

ARLINDO CRUZ. **O meu lugar**. Rio de Janeiro: Sony Music: 2012. Suporte 4'28. Link: <https://www.youtube.com/watch?vTC3hhrac>.

AUGÉ, Marc. **Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**; tradução Maria Lúcia Pereira. - 9 ed.- Campinas, SP: Papyrus, 2012.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1960.

MONASTIRSKY, L. B. **Espaço urbano: memória social e patrimônio cultural**. Terr@ Plural, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 323-334, 2010.

NOBREGA, Nelson da. **O rapto ideológico da categoria subúrbio - Rio de Janeiro 1858/1945**. Rio de Janeiro: Editora Apicuri/Faperj 2011.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n. 10, 1995.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

REIS, Diego dos Santos. **À prova de balas? necroinfâncias cariocas, violência de estado e filosofias da rua**. childhood&philosophy, rio de janeiro, v. 17, ago. 2021, pp. 01- 19.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

STÊNICO, J. A. d. G.; PAES, M. S. P. **Paulo Freire e os movimentos sociais: uma análise da conjuntura brasileira**. Educación Vol. XXVI, N° 50, marzo 2017, pp. 47-61.